

Sobre os inícios do trabalho com Paulo Freire em Portugal.¹

Maria Helena /Marijke de Koning

O presente texto tem dois tempos. Num primeiro tempo regresso à minha comunicação feita no dia do lançamento do Instituto de Paulo Freire de Portugal e do Centro de Recursos Paulo Freire, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto no dia 14 de Dezembro de 2001.

Num segundo tempo, apresento uma curta reflexão intitulada ***Sobre o trabalho com Freire no início do Século XXI***

Sobre o trabalho com Freire: o contributo do GRAAL

O que nos une aqui no dia 14 de Dezembro de 2001, para além daquilo que eventualmente nos separa em termos de diversidades culturais, é a nossa «crença» na importância de contribuir para a *emergência do Sujeito* nos contextos educativos onde nos movemos. Sujeito, pessoa criadora de cultura, transformadora da sua parte do mundo, fazedora de história. Sujeito enquanto “centro de decisão”, como diz Maria de Lourdes Pintasilgo no Prefácio do livro *Paulo Freire, política e pedagogia*. Ou nas palavras de Alain Touraine, citado no mesmo prefácio: “Sujeito é palavra, e o seu testemunho é público, mesmo se ninguém o pode ouvir ou ver” (Touraine citado em Pintasilgo 1998:12).

O *GRAAL* é uma organização não governamental, uma rede transnacional de mulheres. Foi fundado em Portugal em 1957 por Maria de Lourdes Pintasilgo e Teresa Santa Clara Gomes. Irei concentrar-me sobretudo na fase inicial deste trabalho, sem poder ser exaustiva na apresentação dos dados históricos.

Começo com um pequeno texto, que na terminologia do «método Paulo Freire» ou «método de conscientização» ou «método problematizante», pode ser chamado «texto-desafio» ou «codificação», um texto que tem como objectivo devolver às pessoas uma parte da sua realidade para, assim, desafiá-las a reflectir

¹ Adaptação de um artigo publicado em *Um Caderno Novo*. Porto: IPFP, CRPF. 2002.

criticamente, a aprender a «pensar certo», a agir de uma forma adequada, a mudar a vida e o mundo.

Estamos nos anos 1968 -1969. No Alentejo. No distrito de Portalegre. No “Projecto de promoção humana e evangelização”. O texto foi elaborado para a pós-alfabetização que se inseria nos vários programas de “alfabetização de adultos em zonas rurais dos distritos de Coimbra, Portalegre, Porto, etc., e em zonas sub-urbanas de Lisboa, realizado por estudantes universitários, com o apoio de equipas técnicas de especialistas, no contexto da guerra colonial e da injustiça social” (GRAAL, FCF. Projecto *Centro de Documentação e Publicações* 2001).

“UM FILHO DA MARIA E DO JOAQUIM ESTÁ A FAZER O SERVIÇO MILITAR.

QUALQUER DIA TEM DE PARTIR PARA A GUERRA, PARA O ULTRAMAR.

QUEM SABE SE O FILHO DA MARIA E DO JOAQUIM DE LÁ VOLTARÁ. MUITOS HOMENS TÊM IDO E NÃO TÊM VOLTADO.

MUITOS FORAM E VOLTARAM FERIDOS OU ALEIJADOS.

PORQUE É QUE HÁ-DE HAVER GUERRAS?

PORQUE É QUE OS NOSSOS RAPAZES HÃO-DE TER DE IR PARA A GUERRA’

ALGUNS DIZEM:

- É PRECISO HAVER GUERRA. SOMOS OBRIGADOS A FAZER GUERRA. SEM GUERRA NÃO SE RESOLVEM OS NOSSOS PROBLEMAS.

OUTROS DIZEM:

- PODIA HAVER PAZ. ERA POSSIVEL HAVER PAZ. PODIA ENCONTRAR-SE UMA MANEIRA DE FAZER A PAZ.

QUEM É QUE TEM RAZÃO?

PRECISAMOS DE SABER QUEM É QUE TEM RAZÃO.

SABEMOS POUÇO SOBRE A GUERRA. COMO HAVEMOS DE SABER QUEM TEM RAZÃO?

PRECISAMOS DE SABER MAIS SOBRE A GUERRA PARA ENCONTRARMOS UMA MANEIRA DE FAZER A PAZ.

TEMOS DE ENCONTRAR UMA MANEIRA DE FAZER A PAZ.”

Teresinha Tavares, membro do *GRAAL*, que trabalhou em vários projectos de educação para o desenvolvimento no México, em Angola, em Moçambique e em Portugal, conta como o trabalho de alfabetização e conscientização começou:

“Em 1965 o GRAAL começou em Portalegre o “Projecto de promoção humana e evangelização”. Do contacto que se foi tendo com o meio viu-se que havia muitas pessoas não alfabetizadas, sobretudo nas aldeias. Tivemos conhecimento do método Paulo Freire que tinha sido aplicado com grande sucesso no Brasil. Por isso procurámos adaptá-lo a Portugal.

Assim, durante o ano 1967 – 1968 uma equipa formada por Teresa Santa Clara (membro do GRAAL e licenciada em língua e literatura germânicas) Lindley Cintra (Prof. de linguística), Alfredo Bruto da Costa (engenheiro e professor universitário), Manuela Silva (economista e membro do GRAAL), Henrique Reynolds de Sousa (Engenheiro), fizeram, em colaboração com a equipa do Projecto do GRAAL o levantamento temático, a escolha das palavras-chave e a preparação dos desafios (naquela altura sobretudo feitos com slides).

Nas férias do verão 1968 veio um grupo de estudantes da Universidade de Lisboa para um programa intensivo de formação para a alfabetização, tendo-se constituído a seguir a esta formação 12 grupos de alfabetização no distrito de Portalegre. No verão seguinte funcionaram 8 grupos de alfabetização e 8 grupos de pós-alfabetização, tendo vindo também estudantes das universidades de Coimbra e do Porto. A pós-alfabetização quer a seguir ao verão de 68, quer a seguir ao de 69, foi realizada por voluntários da cidade e estagiários, estudantes do serviço social do projecto de “Projecto de promoção humana e evangelização”. Podemos dizer que este foi um programa bem sucedido, pois a maior parte das pessoas aprendeu a ler e a escrever e algumas continuaram os estudos. Também várias pessoas se organizaram para procurar resolver os seus problemas básicos (escola para as crianças, centros sociais, comissões para apresentar reivindicações às autarquias...) Se nos dermos conta da época em que estávamos, isto representava muito.”

O trabalho de alfabetização, pós-alfabetização e animação social foi-se alargando. Em diversos bairros pobres de Lisboa entre 1968 e 1971. Em 1970 no Porto em colaboração com um grupo ligado à cooperativa de promoção cultural *Confronto*.

No verão de 1970 o GRAAL organiza em Coimbra *Estágios de alfabetização e animação social segundo a metodologia de Paulo Freire*. O meu primeiro contacto com o trabalho de conscientização foi naquele verão de 1970, numa aldeia chamada Almalaguês, onde passei um serão para «ver» o trabalho do GRAAL *in loco*. Ainda não sabia falar Português.

E o que escreveram as pessoas recém-alfabetizadas? Seleccionei apenas um dos registos guardados nos arquivos, escrito em 1969, por o achar bonito e forte. É de uma mulher de 40 anos, doméstica, que vive na aldeia de Fortios:

“As árvores de fruto dão produtos para consolar muita gente. A terra cria-nos e gosta de ser cultivada. Até parece que a terra se sente feliz quando tratam bem dela.(...) Devem-se estimar os trabalhadores do campo. E todos os outros que trabalham cada qual na sua profissão. (...).

O que interessa é que haja bastantes máquinas para haver bastante movimento para toda a gente ter trabalho, para que assim todos possamos viver melhor. Porque se as mulheres e os homens não tiverem trabalho, chama-se uma cultura morta. E então não queremos isso. Queremos a vida viva, quanto mais melhor (...). O povo não tem falta de vista, mas via pouco por não saberem ler todos. Vá que soubesse metade do pessoal. Nós, habitantes do povo gostamos que haja bastantes professores e professoras, mestres e mestras a ensinar quem não sabe. O saber é vida o saber é luz clara e viva. O não saber é luz morta. Saber é viver feliz e alegre.”

Este excerto leva-me a um artigo que Frei Betto, amigo de Paulo Freire, escreveu no *Jornal do Brasil*, por ocasião do dia 19 de Setembro (2001), dia em que Paulo Freire teria feito 80 anos, se fosse vivo:

“Paulo Freire não ensinava, excepto que educar é amar. Fazia aprender. Extraía do educando o saber. (...) A pessoa ao pronunciar a sua palavra desvenda a própria cultura. Aos poucos apropria-se de uma verdade lapidar: não há ninguém mais culto do que outro. O que há são culturas paralelas, socialmente complementares”.

Encontramos nos textos da pós-alfabetização, tanto nos textos-desafio como nos textos escritos pelos/as próprios/as alfabetizandos/as, várias palavras-chave do programa de alfabetização. Palavras-chave que eram chamadas «palavras-geradoras».

Eis algumas palavras-geradoras utilizadas no Alentejo nos anos sessenta: TRABALHO, TERRA, MÁQUINA, RIQUEZA, GUERRA. As pistas para a reflexão na ficha temática da palavra GUERRA utilizada no programa de alfabetização do verão de 1968 em Portalegre, são as seguintes:

Ficha temática da Palavra *Guerra*

“Consequências das Guerras. A aspiração à paz. Viabilidade de paz. O contributo de cada um para a paz entre os povos. O desenvolvimento, novo nome da paz.”

Há um pormenor interessante em relação à palavra GUERRA: segundo Lindley Cintra a palavra GUERRA linguisticamente não era necessária no conjunto das palavras-geradoras, mas era indispensável para uma conscientização que abrangia a realidade. Insistiu então na sua introdução para se poder devolver e desafiar as pessoas a reflectir sobre uma parte importante do mundo em que

viviam, na altura da guerra nas colónias portuguesas, no então chamado «ultramar».

Proponho seguir esta viagem através dos primeiros tempos do trabalho de conscientização em Portugal feito pelo GRAAL. Vou dar voz a uma das estudantes de então que participou como animadora nos programas de alfabetização e pós-alfabetização. É o depoimento de Celeste Isabel Sousa Lopes, na altura aluna do prof. Cintra e actualmente professora de Português e Francês, também membro do GRAAL:

“ (...) este «mundo político», das ideias, com o qual eu tinha sempre convivido, era de certa forma diferente daquele que descobria no GRAAL. Agora este mundo alargava-se a novas dimensões, à multiplicidade de culturas e povos, à riqueza da diversidade, e era mais próximo.

Sabemos hoje que se aprende fazendo. Naquela época, porém, isso não era tão comum, daí que o facto de já ser essa a concepção de formação no GRAAL ter sido tão inovador. De facto, no (...) Graal, **as «aprendizagens» faziam-se na vivência e experimentação dos conceitos - em situação**, como hoje se diz.

Participei em muitos desses programas de alfabetização no Alentejo, na zona de Coimbra e Lisboa, bem como posteriormente na formação de animadores em vários sítios do país.

Este foi, sem dúvida, um dos grandes **contributos do Graal à sociedade: pelas pessoas que aprenderam a ler, pelos jovens (universitários e outros) que alargaram (ou adquiriram) uma consciência política e cívica, pelos professores universitários que ligaram o seu saber à realidade concreta do país.**

Por tudo o que vivi nestes grupos de alfabetização ao longo de vários anos, esta experiência foi para mim de uma inigualável riqueza humana” (In: Graal *Carta de Notícias* 6, Out. 1999: 3-7).

E o próprio Paulo Freire, teve conhecimento do trabalho de conscientização que arrancou em Portugal ainda em plena época da ditadura Salazarista?

Maria de Lourdes Pintasilgo refere no prefácio do livro *Paulo Freire: Política e pedagogia* o seguinte episódio:

“Em Outubro de 1969, Paulo Freire, que estava leccionando em Harvard, na “Graduate School of Education”, foi ao centro nacional do GRAAL nos EUA para orientar um fim-de-semana sobre “Educação para a libertação”. Falando do convite que recebera para vir analisar o trabalho de conscientização dinamizado pelo GRAAL em Portugal, disse “que não iria conseguir arranjar passaporte”. Era para ele uma surpresa ser possível trabalhar “sossegadamente” em Portugal com este método. E alguém presente relatou: «Na primeira noite dei-lhe as cartas dos alfabetizados aí em Portugal que eles escreveram para o Paulo. Precisava ver a alegria na cara dele. Contou para todo o mundo. Disse que ia escrever uma carta para cada um dos que assinavam. No dia seguinte tinha todas escritas». Uma dessas cartas, dirigida «Aos amigos do grupo de S. Bartolomeu (um pequeno bairro pobre de

Portalegre) dizia assim: *‘No momento em que recebi as suas palavras, estava muito cansado. Suas palavras foram a minha recuperação./Assim agradecendo a mim, vocês não estariam imaginando o quanto suas palavras, no momento em que eu as recebesse, iriam ajudar-me./ É assim mesmo. Não há homens isolados e todos necessitamos uns dos outros. Muito obrigado, pois, pelo que me deram’* (Pintasilgo 1998:9):

É impossível fazer hoje aqui um resumo do trabalho de conscientização realizado nos múltiplos contextos e iniciativas do GRAAL desde 1968.

Estar aqui hoje “com Freire” prende-se com esta intervenção do GRAAL no campo da educação ao longo da vida, como também se prende com uma eventual futura parceria com o Centro de documentação Paulo Freire. Porque implicitamente todos os trabalhos do GRAAL assentam na filosofia da conscientização e apenas variam em originalidade, conteúdos e grupos-alvo. Trata-se de um trabalho, que sendo educativo, e dado que não há educação neutra, é necessariamente político. Para dar o panorama de projectos e iniciativas, segue uma listagem cronológica ainda em construção e portanto provisória.

**CONTEXTOS E PROJECTOS GRAAL
EM QUE SE REALIZOU TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO
POR ORDEM CRONOLÓGICA**

- Projecto de *promoção humana e evangelização* em 15 aldeias do distrito de Portalegre (1962 – 1972);
- Programas de alfabetização e educação de base de adultos nos distritos de Portalegre, Lisboa, Coimbra, Porto e Viana do Castelo, programas que introduziram em Portugal a filosofia e a metodologia de conscientização desenvolvidas por Paulo Freire (1968 – 1975);
- Programas de formação em contextos de educação não-formal com estudantes do ensino secundário e superior;
- Programas de formação em contextos de educação não-formal com mulheres profissionais;
- Grupos de conscientização de mulheres profissionais. *Orçamento-tempo* (1972 e 1985).
- Programas de intercâmbio europeu e internacional com estudantes e jovens diplomadas;
- Programas de *evangelização e animação de comunidades cristãs* nos distritos de Portalegre (1962 – 1972), Coimbra (1969 – 1977), Porto (1974 – 1976) e na Golegã (1998)
- *Círculos bíblicos* (1973 – 1978)
- Projecto de *equipas móveis* que cobriu 180 aldeias dos distritos do Norte e Centro do país, procurando ajudar as comunidades locais na sua reflexão sobre os acontecimentos sociais e políticos pós-25 de Abril, à luz da fé e da responsabilidade cristã, numa perspectiva da teologia da libertação (1974-1975);

- Projectos de *animação e acção socio-cultural com mulheres em meio rural* dos distritos de Coimbra e Porto, com o apoio de organizações não governamentais alemãs e holandesas (1976 - 1983);
- Projectos de *formação de animadoras locais* e agentes de *animação infantil* em comunidades rurais, com o apoio financeiro da ONG holandesa CEBEMO (1979/1983);
- Programa piloto de *Animação Infantil em Meio Rural* com o apoio financeiro da ONG holandesa CEBEMO (1979/1983);
- Projecto *MODELO* ("Mulheres Organizam-se para o DEsenvolvimento LOcal") - formação de jovens mulheres e apoio a iniciativas de auto-emprego em artesanato, em zonas rurais, também com o apoio da CEBEMO (1985/1990);
- Projecto *Turismo é Cultura* - formação de animadoras/es de turismo cultural local -, no âmbito do Programa *Petra* (1989/1991);
- Rede *Mulheres Anos 2000* - sensibilização/formação de mulheres profissionais -, no âmbito do Programa Operacional n.º 8 do IEFP (1991/1993);
- Projecto *Interação de Mulheres Formadoras* - acção transnacional de intercâmbio -, no âmbito da Iniciativa "NOW" (1992/1994);
- Programa-piloto *Mulheres na Tomada de Decisão*, co-financiado pelo CCE DG V. (1994-1995);
- Projecto *Para uma Sociedade Activa* (1996 – 2000).

Sobre o trabalho com Paulo Freire no início do Século XXI

Segundo Paulo Freire (1971) a “conscientização é antes de mais uma acto de conhecimento. Implica a revelação gradual da realidade (...)”. Moacir Gadotti, comenta:

“Paulo Freire tinha um verdadeiro *amor pelo conhecimento* e amor pelo estudo. Mas dizia que conhecemos para: a) *entender o mundo* (palavra e mundo); para *averiguar* (certo ou errado, busca da verdade e não apenas trocar ideias; c) para *interpretar e transformar* o mundo. O conhecimento deve constituir-se numa ferramenta essencial para intervir no mundo” (Gadotti 1998: 118).

A minha primeira «lição» sobre a filosofia da conscientização foi dada directamente por Paulo Freire. Foi em Setembro de 1970 na *Vrije Universiteit* de Amsterdão, num colóquio intitulado o *Método Paulo Freire*, estava eu a iniciar os estudos em *Pedagogia de Adultos (Andragogia)*, depois de ter tido um primeiro contacto com o «trabalho de conscientização» nesse mesmo verão em Portugal.

“A conscientização coloca à pessoa desafios (primários, elementares ou complexos) resultantes da tentativa de objectivar a situação em que se encontra. Mas através desse simples mecanismo de tomada da palavra

face ao desafio que ele evoca, cresce a consciência de sujeito. Por isso, *a tomada da palavra é importante etapa do processo democrático na sociedade, do exercício e da aprendizagem da cidadania* (Pintasilgo 1998:12).

Passaram 32 anos, desde aquele meu encontro com Paulo Freire em Amsterdão. Estamos no ano 2002. Precisamente no dia 11 de Setembro, *deadline* para a entrega deste meu texto à editora. Dia em que os jornais perguntam “Um ano depois. O que mudou na América e no mundo? Quase tudo ou quase nada?” (*Público*) Depois de ter visto algumas imagens das comemorações comoventes na *CNN*, estou sentada em frente do computador e releio o pequeno texto-desafio sobre o tema «guerra», utilizado em 1968 – 1969 nos programas de alfabetização com grupos de camponeses no Alentejo. Trata-se provavelmente, aos olhos de hoje, de um desafio «primário» ou «elementar», fácil de objectivar. Como tematizar, em 2002, (esta parte d) o nosso mundo que tem a ver com a palavra *Guerra*? “O que é que podemos fazer para evitar a intervenção no Iraque?” perguntava uma participante inglesa de uma das redes transnacionais do GRAAL. Apesar do sentimento de «impotência» perante o desenrolar da história, é urgente continuar a «crer» na praxis humana transformadora. Em todos os contextos educativos é necessário «explorar» ao máximo a inovação epistemológica que Paulo Freire trouxe às Ciências da Educação (e à Ciência em geral):

“(…) no domínio das ciências da educação há um esforço profundo para revelar a novidade que Paulo Freire trouxe à epistemologia. Para saber, para conhecer, para agir e intervir, é preciso perguntar – é que a pergunta já leva consigo a apetência, se não a intuição da resposta. (Pintasilgo 1998: 10).

Neste momento actual da história, como formular as pistas para a reflexão sobre a GUERRA numa hipotética ficha temática, neste momento “difícil para os cientistas sociais e para os seus intentos de explicar, contextualizar ou compreender a tragédia humana das Torres Gémeas e do Pentágono” (Sousa Santos 2002: 102)?

O que seriam pistas possíveis de reflexão neste desafio «complexo»? Guerra global contra o terrorismo; nova guerra planetária; sofisticação das novas tecnologias; tecnologização das ligações históricas; a verdadeira ameaça à paz mundial (?)

“Esta guerra é a primeira de dimensão mundial (...) a sua ameaça diz respeito ao mundo inteiro, facto totalmente inédito até hoje. (...) «nova arma» que utiliza as características da globalização ao mesmo tempo que abandona o conceito de «Vida» como valor supremo da comunidade humana. (...) a própria vida (...) objecto de um processo de «coisificação», tornando-a descartável (Pintasilgo 2002: 116).

“Nenhuma injustiça de nenhum tipo justifica o terrorismo, uma vez que este inclui sempre a possibilidade da destruição de vidas inocentes” (Sousa Santos 2002: 103).

“Os Estados Unidos da América avançaram para uma nova linha estratégica que se baseia no que têm designado como ‘a doutrina das guerras preventivas’: é preciso cortar o mal pela raiz” (Prado Coelho 2002: 55).

Em Setembro de 1970, em Amesterdão, ouvi Paulo Freire falar no “Ser humano como sujeito; o seu mundo como tema”.

O ano passado, seis dias depois do «11 de Setembro», propus, numa «acção de formação de formadores», fazer uma exercício, que permitia à formadora continuar a *investigação temática*, parte integrante de todos os programas de formação que seguem a metodologia de conscientização. Era a primeira sessão depois do intervalo do verão de um programa em curso desde o mês de Maio. O exercício consistia numa «meditação guiada» com o objectivo de inventariar experiências significativas. A pergunta central era: “O que mudou no meu mundo desde que nos encontrámos a última vez?” No fim do exercício cada pessoa registou o que lhe passou pela cabeça. As pessoas foram solicitadas a partilhar o que quisessem do seu registo. Das oito pessoas presentes, uma mencionou o «11 de Setembro». Duas pessoas tinham-se lembrado desta tragédia, mas não a mencionaram. Uma delas por ser dolorosa demais. Outra porque pensava que tinha de falar do «seu» mundo. As restantes (cinco) pessoas não se tinham lembrado do que aconteceu no dia 11 de Setembro e disseram que a maneira como a pergunta foi formulada (o que mudou no *meu* mundo?) levou-as a falar da casa, dos filhos, do trabalho, do curso, da falta de tempo, das férias. Tentámos problematizar o sucedido. (“Na reflexão sobre si próprio em que o sujeito, numa dinâmica de *compreensão*, objectiva a sua forma de falar do mundo em que está inserido, o sujeito, num distanciamento crítico da sua forma de pensar as coisas, transforma-se num «objecto» para si próprio, o que permite tornar a sua consciência mais crítica e

mudar atitudes e formas de agir” Koning 2001: 57). Chegamos à conclusão que a vida é tão complicada para a maioria das pessoas, que não há muito tempo para pensar nos problemas do Mundo. Quem vai então *entender o mundo* para *averiguar o certo ou errado*, para o *interpretar e transformar*? Quem vai agir sobre o sentido da mudança?

“Se se confronta a realidade enquanto sujeito, a realidade desperta na pessoa uma multiplicidade de respostas segundo os momentos e os outros sujeitos que a enfrentam. As respostas da pessoa fazem dela uma consciência crítica, voltam para ela como um eco, objectivadas, desligadas de si. Por isso, as respostas da pessoa fazem a pessoa. E isto porque a resposta na filosofia de Paulo Freire não é uma opinião: *é reflexão, crítica, invenção, escolha, decisão, organização, acção*” (Pintasilgo 1998:13).

Quem vai assim poder ser «pessoa» no mundo actual?

No Portugal de 1969 havia a possibilidade de pensar que a guerra colonial dizia respeito «apenas» a uma parte da população mundial, ao passo que agora uma possível guerra a partir de uma agressão militar ao Iraque vai ter um impacto global. Ninguém fica de fora das consequências devido à impossibilidade de «isolamento» num mundo «enredado» cada vez mais numa «cultura das redes».

Para que os/as educadores/as «progressistas» possam continuar a «trabalhar com Freire», têm de enfrentar uma tarefa enorme: promover contextos de conscientização e inserirem-se na grande rede «transnacional» e «transtradicional» de uma parte da humanidade que se interroga sobre os valores da sua coexistência e que deseja reaprender a pensar certo.

Referências bibliográficas

- FREIRE, Paulo (1971). *O que é a «Conscientização»*. Textos extraídos de: *Pour une alphabétisation politique*. IDOC n.º 40, p. 47-60; *Cultural action for freedom*, Harvard Educational Review, monograph series n.º 1; “*The mythologization of conscientization*”, conferência realizada em Cuernavaca, México, Jan.71. GRAAL: documento policopiado.
- GADOTTI, Moacir (1998). “Lições de Freire”. In: *Educação, Sociedade e Culturas*, N.º 10. Graal *Carta de Notícias* 6, Out. 1999
- GRAAL, Fundação Cuidar o Futuro. (2001) *Projecto Centro de Documentação e Publicações*
- KONING, Maria Helena de (2001). *Da acção à palavra ou a construção do sentido num trabalho de formação de mulheres*. Porto, FPCE-UP.
- PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998). Prefácio. In: *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto Editora.
- PINTASILGO, Maria de Lourdes (2002). “A IV guerra mundial?”. In: *Visão*, 5 de Setembro 2002.
- PRADO COELHO, Eduardo (2002). “O efeito antes das causas”. In: *Público*, 11 de Setembro 2002.
- SOUSA SANTOS, Boaventura (2002). “Um ano de desassossego”. In: *Visão*, 5 de Setembro 2002.